

INTEGRALISMO E A AÇÃO EM PARANAGUÁ. 1932 – 1938.

Luiz Fellipe Alves (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campus Paranaguá, fellipealves7@hotmail.com
Dr. Federico Alvez Cavanna (Orientador),
Unespar/Campus Paranaguá, federico.alvez@unespar.edu.br

INTEGRALISMO COMO OBJETO DE ESTUDO ACADÊMICO

A Ação Integralista Brasileira como objeto de estudo dentro das ciências sociais obteve um significativo aumento no que diz respeito aos trabalhos científicos nas últimas décadas. Diversos pesquisadores e intelectuais se debruçaram sobre o tema, mais especificamente depois da década de 1970, o que levou a esse crescimento exponencial. Pode-se dizer que se esta pesquisa fosse feita no início da década de 1970, teríamos dificuldade para encontrarmos bibliografia sobre o tema. O interesse acadêmico em relação à AIB, segundo pesquisadores como Rodrigo Santos de Oliveira e João Fábio Bertonha, se deu concretamente a partir da publicação da tese de Doutorado pela Universidade de Paris por Helgio Trindade, especificamente em 1971. Antes desta publicação, realizar esta pesquisa, implicaria uma limitação à "textos de época, e um ou dois trabalhos acadêmicos".¹

Este período entre os textos de época, citado por Bertonha, até a publicação da tese de Helgio Trindade, caracterizou-se pelo ostracismo e inércia no que circunda as publicações acadêmicas. O que chama a atenção em relação a esse processo de ostracismo acadêmico sobre o tema foi que, segundo Oliveira, após o ataque à Vargas no Palácio Guanabara por Plínio Salgado, principal líder Integralista, no que ficou conhecido como Intentona Integralista, resultando no exílio do mesmo em Portugal, juntamente com a repressão e perseguição no decorrer dos anos pelo Estado Novo à militantes da ação Integralista, academicamente o integralismo era reduzido a uma "mera copia caricata dos movimentos fascistas europeus" e esta afirmação, pontua

¹BERTONHA, João Fábio. Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007). Jaboticabal: Funep, 2010 p.1.



explicitamente Oliveira, somente bastava quando se tratava de uma análise superficial sobre a AIB. ²

Fica clara a decaída das publicações sobre o Integralismo a partir da repressão aos militantes, porém Bertonha atenta para outra característica que compõe esta perspectiva de ostracismo do estudo acadêmico sobre integralismo.

Para Bertonha esse ostracismo também tem relação no que diz respeito a toda produção histórica, ou a falta de produção histórica sobre certo tema, "em boa medida, tanto os elementos práticos como o clima político e social e a economia interna das Universidades, como alterações teórico-metodológicas dentro da disciplina de história e a disponibilidade de fontes levam a uma modificação dos interesses acadêmicos."³

A partir desta análise de Bertonha, toma-se conta que a historiografia no Brasil do início do século XX ainda estaria presa a um viés positivista, dando ênfase sempre em uma história de cunho memorialista. A partir deste viés, já nas décadas de 1940 em diante, a historiografia brasileira se via atrelada, segundo os autores Bertonha, Oliveira e Edgar De Decca, ao materialismo histórico e à escola dos Annales. As análises limitavam-se a história econômica e social, estavam "mais interessados em estudos estruturais, nas mudanças sociais, nos estudos de classe, etc. História política era considerada perda de tempo [...]".⁴ Uma análise mais profunda acerca da produção acadêmica deste tema neste período de ostracismo só pode acontecer levando em conta todos esses fatores propostos por Bertonha.

Passado toda essa inércia em relação ao estudo do integralismo, primeiro por todas as ciências sociais, como também pela resistência da historiografia durante mais tempo, os campos e perspectivas começaram a mudar. Bertonha enfatiza em seu trabalho de reunião de grande parte das referências bibliográficas de orientação para o estudo do integralismo, que toda essa inserção do integralismo dentro da historiografia pode ser entendida em poucas características.

² OLIVEIRA, Rodrigo Santos . A evolução sobre o integralismo. *Revista Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 119, jan./jun. 2010.

³ BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep, 2010 p.2

⁴ BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep, 2010 p.3

A primeira é que a historiografia brasileira neste período já havia se desvencilhado de um viés estritamente econômico e social. Abriram campos para o estudo da história política. A segunda foi a superação do preconceito em se estudar a direita, novos historiadores começaram a se interessar por este assunto que é comum em tantas regiões do Brasil. Juntamente com esse novo interesse se deu também a disposição dos arquivos de órgãos como DOPS e outras delegacias sobre militantes da Ação Integralista. Esse aumento na disposição de fontes foi outra importante característica para o crescimento significativo das publicações acadêmicas nas últimas duas décadas.⁵

A quantidade de produção acadêmica sobre o tema se multiplicou após a década de 1970, e percebe-se que a interpretação adquiriu múltiplas formas e olhares, modificando muito as percepções filosóficas acerca do Integralismo. Porém um marco teórico é necessário para a análise⁶

Para esta delimitação teórica escolhi me fixar na análise de ideologia, filosofia e estrutura burocrática baseado em um autor principal – salvo momentos em que comparações e contrastes se tornem imprescindível - assim primeiramente a referência em Helgio Trindade, um dos principais autores sobre integralismo.

Além de Trindade, em outros artigos, dissertações e teses. Autores como João Fábio Bertonha, Rafael Athaides, Rodrigo Santos de Oliveira, Edgar Bruno Frank Serrato, Carmencita de Holleben Mello Dietzen e Jefferson Rodrigues Barbosa, salvo as publicações de época e textos doutrinários dos líderes do Integralismo Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Jornais e periódicos como “A Razão” e “A Offensiva”.

FASCISMO E GÊNESE DO INTEGRALISMO

A gênese do movimento integralista se encontra na fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) por Plínio Salgado, intrínseca ao seu ofício de jornalista,

⁵ BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep, 2010, p.4.

⁶ SERRATO, Edgar B. F. *Estudo Sobre o Integralismo e Seus Momentos*. Apud João Fábio Bertonha. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007. P1

publicando textos já embebidos pela ideologia política, que viria a ser a diretriz do Integralismo, no jornal A Razão.

A criação desta Sociedade de Estudos Políticos se deu a partir de uma intenção de reunir intelectuais que eram contrários aos modelos políticos em voga na década de 1930, o socialismo/comunismo de um lado e o liberalismo do outro. Em resposta a ascensão destes dois modelos, Plínio e seus companheiros deram início a uma empreitada dentro de um campo político que estava em voga.⁷

É comum dentro da historiografia analisarmos o período pós-crise de 1929 como um estado embrionário de políticas fascistas pelo mundo. Temos exemplos em diversos países de variados continentes, onde surgiram governos autoritários, muitas vezes apoiados pela massa, de modo que se instalassem de forma concreta nestes países. A quebra da bolsa de valores de Nova York, juntamente com a destruição da Europa após a primeira guerra mundial, desencadeou uma grande depressão econômica pelo mundo, o que levou ao descontentamento de muitos em relação ao liberalismo econômico, como aponta Athaides, "As idéias *fascistas*⁸ surgiram como uma resposta radical aos problemas enfrentados pelas sociedades naquele momento".⁹

Esses governos autoritários viram no descontentamento geral das populações acerca da economia e modos políticos de governo, uma forma de se adequarem ao clamor popular. Vimos acontecer isso na Alemanha Nazista ou na Itália Fascista. No Brasil, não foi diferente na década de 1930.

É claro que não devemos considerar diretamente o governo, como foi o de Vargas, como uma caricatura direta dos regimes fascistas europeus, mas sim como um reflexo do que estava acontecendo por lá, um modelo inspirado e apropriado da

⁷ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A ascensão da ação integralista brasileira 1932 – 1937. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília. Vol. 6, n. 1/2/3, 2006, p.67-68.

⁸ Para o conceito de fascismo tomamos como referência a ideia proposta por Marilena Chauí, encontrada na sua obra "Escritos Sobre a Universidade" de 2001, onde ela conceitua: fascismo é como uma terceira via, um projeto e um programa econômico/político que buscava uma distancia dos modelos encontrados na polarização entre socialismo/comunismo e liberalismo. Caracterizado pelo corporativismo, autoritarismo, extremo nacionalismo e centralização de poder, o fascismo apareceu e teve seu maior expoente na Itália durante a década de 1930.

⁹ ATHAIDES, Rafael; PEREIRA, Luciana A. O integralismo no Paraná e o Jornal a Razão 1935. *Revista Rascunhos Culturais*. Coxim. vol.1, n.2 . jul./dez 2010, p. 207.

atmosfera política do período, caracterizada analogamente à polarização ideológica entre fascismo e comunismo. O estado de exceção era comum em todas essas sociedades.

Igualmente como os líderes fascistas na Europa, Vargas detinha o clamor popular. Apesar de ter um governo autoritário, Vargas não obteve diretamente o apoio dos integralistas, que também podem ser vistos - numa análise simplista - como reflexo dos regimes autoritários europeus. Tratar o integralismo como mera cópia do fascismo europeu seria analisar muito superficialmente o movimento, assim como Vargas.

Sobre a gênese, o momento que se segue entre a fundação do SEP e a convocação para que, inicialmente foi chamada por Plínio Salgado de “Comissão Técnica da Ação Integralista Brasileira” - tinha como função divulgar as doutrinas e ideologias do partido de forma simples para a população.

Esse período entre a fundação da SEP e a Comissão Técnica não passou de três meses, entre março de 1932 e maio de 1932¹⁰.

Em 6 de maio de 1932, propus que se criasse uma sessão subordinada e paralela à Sociedade de Estudos Políticos, a qual teria por tarefa uma obra educativa de mais larga amplitude, destinada a formar a consciência popular no trato dos problemas brasileiros e sob a inspiração dos princípios filosóficos e o programa político da nossa agremiação. Esta sessão foi criada pelos votos da assembleia, com o nome de Ação Integralista Brasileira.¹¹

Um mês após a assembleia Plínio Salgado redigiu, o que viria ser conhecido como *Manifesto de Outubro*, um documento com a doutrina exemplificada do movimento. Na leitura do documento ficam claras quais são as bases ideológicas principais e iniciais da AIB. As bases doutrinárias, apesar de terem se iniciado com Plínio Salgado, sofreram agregações acadêmicas. Os textos doutrinários são diferentes em essência, há clara diferença no discurso de dois principais intelectuais integralistas, vide a comparação entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso, por exemplo.

A leitura do manifesto de outubro deixa claro quais são as bases ideológicas do integralismo. Fundamentalmente são baseadas na moral religiosa cristã e claramente vê-

¹⁰ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A ascensão da ação integralista brasileira 1932 – 1937. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília. Vol. 6, n. 1/2/3, 2006, p.67-68.

¹¹ SALGADO, Plinio O integralismo na vida brasileira. In: *Enciclopédia do Integralismo*. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, vol.1, 1959, p.145.

se citado como pilares da ideologia a “Família, Moral e Nação”, ou como Cita Barbosa; “Deus, Pátria e Família”.

Outro princípio claro no manifesto é o de autoridade. Talvez não devêssemos confundir autoridade com autoritário, porém dentro do discurso doutrinário esta nuance entre os dois conceitos passam despercebidos. Vemos no discurso uma clara concordância com princípios de hierarquização, autoridade, seguidos rigidamente por princípios morais e familiares cristãos.¹²

Este discurso foi apresentado em sete de outubro de 1932, dia da fundação da ação integralista, com a leitura do manifesto, o que selou a reunião no Teatro Municipal de São Paulo, dando como oficial e instalando na mesma cidade o primeiro núcleo do AIB.

FENOMENOLOGIA DA DOUTRINA INTEGRALISTA

Antes da análise no Integralismo propagado em Paranaguá necessita-se uma breve análise fenomenológica¹³ da doutrina Integralista, elencando alguns pontos, mais especificamente três, que trazem interesse, longe de serem os princípios mais importantes, mas sim aos que parecem, de certo modo, relevantes.

Primeiramente a ligação próxima com a doutrina social da igreja católica. Logo no começo do manifesto, Plínio Salgado já expõe abertamente qual o seu conceito e concepção de religião, da moral, do homem, da família e do universo. A primeira frase do manifesto é: “Deus dirige o destino dos povos“. Está explícito que “Deus” é colocado como a divindade judaico-cristã, ou seja, o monoteísmo moderno. Essa concepção religiosa acarreta inúmeras perspectivas sociais, como podemos analisar no manifesto.

As características que compõe essas perspectivas se encontram em doutrinas como a moral cristã, embebida de concepções como a subjugação feminina dentro da

¹² BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A ascensão da ação integralista brasileira 1932 – 1937. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília. Vol. 6, n. 1/2/3, 2006, p.69.

¹³ Para o conceito de fenomenologia, tomamos como referencia o princípio do filósofo alemão Husserl, ou seja um método investigativo, partindo das características evidentes de um certo assunto, para que possamos elucidar uma significação mais profunda de reflexão, ou seja a ciência da essência, uma crítica da razão.

estrutura familiar, sendo o homem o princípio máximo de autoridade. O que faz pensar em outra ligação com a doutrina cristã, o princípio de autoridade. A ligação lógica que há sobre o princípio de autoridade no integralismo tem relação próxima com a doutrina hierárquica da religião cristã. Para Plínio Salgado, “Uma nação, para progredir em paz, para purificar seus esforços, para lograr prestígios no interior e no exterior, precisa ter uma perfeita consciência do princípio de autoridade”¹⁴.

Apesar dessa elucidação sobre a ligação direta com o princípio de autoridade, não fica muito claro o conceito de autoridade para Salgado no Manifesto. Segundo Salgado essa moral e hierarquia seriam estabelecidos através dos princípios cristãos, da dicotomia entre uma só elevada divindade benevolente, perfeita e mantedora da ordem máxima, e da meritocracia já vista em princípios liberais, como podemos analisar no seguinte trecho;

[O valor do homem] leva ao bem estar da nação e ao elevamento moral das pessoas. Os homens e as classes, pois, podem e devem viver em harmonia. É possível ao mais modesto operário galgar uma elevada posição financeira e intelectual. Cumpre que cada um se eleve segundo a sua vocação. Todos os homens são susceptíveis de harmonização social e toda superioridade provém de uma só superioridade que existe acima dos homens: a sua comum e sobrenatural finalidade. Esse é um pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes cristãs da nossa história e está no íntimo de todos os corações.¹⁵

Em relação à família o manifesto nos mostra que a ideia de construção familiar fica atrelada aos princípios estabelecidos dentro da concepção da família cristã, ou seja, homem, mulher e filhos. Seria até mesmo uma afronta aos princípios adotados pelos integralistas, que se propusesse outra forma de construção familiar, como é comum hoje. Para Salgado a sua ideia de família fica exposta no tópico VIII do manifesto.

Tão grande a importância que damos às Classes Produtoras e Trabalhadoras, quanto a que damos à Família. Ela é a base da felicidade na terra. Das únicas venturas possíveis. Em que consiste a felicidade do Homem? Nessas pequeninas coisas, tão suaves, tão simples: o afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma esposa, o carinho de um filho, o abraço de um irmão, a dedicação dos parentes e dos amigos. Solidariedade no infortúnio, nas enfermidades,

¹⁴ SALGADO, Plínio. *Manifesto Integralista*, São Paulo, 1932, p.1.

¹⁵ SALGADO, Plínio. *Manifesto Integralista*, São Paulo, 1932, p.1.

na morte, que nenhum Estado, na sua expressão burocrática ou jurídica, jamais evitará, em nenhum tempo. Comunhão nas alegrias, nos triunfos, nas lutas, conforto de todos os instantes, estímulo de todos os dias, esperança de perpetuidade no sangue e na lembrança afetuosa, eis o que é a família, fonte perpétua de espiritualidade e de renovação, ao mesmo tempo projeção da personalidade humana. Tirem a família ao homem e fica o animal; façam dele a peça funcionando no Estado e teremos o autômato, infeliz, rebaixado da sua condição superior.¹⁶

Em segundo momento, uma característica que chama atenção dentro desta perspectiva fenomenológica da construção ideológica do integralismo, é o princípio de nacionalismo para Plínio Salgado.

Plínio no seu manifesto deixa claro sua visão preconceituosa e xenofóbica em relação a outras culturas, religiões e nacionalidades. Ele discursa idéias como a degradação da nação através da influencia cultural estrangeira na cultura brasileira, seja religiosa ou de qualquer outro cunho, enaltecendo ao que ele chama de “necessidades do caráter, das tendências, das aspirações da pátria e do valor de um povo”. Apesar de seu discurso colocar esses pontos como característicos, ele não se aprofunda no que seria esse caráter, tendência e aspirações de cunho nacional.

O cosmopolitismo, isto é, a influencia estrangeira, é um mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que esta periclitando na Europa e nos Estados Unidos. Os nossos lares estão impregnados de estrangeirismos; as nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida, não são mais brasileiros. Os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escritores, os poetas nacionais. Envergonham-se também do caboclo e do negro de nossa terra. Adquiriram hábitos cosmopolitas. Não conhecem todas as dificuldades e todos os heroísmos, todos os sofrimentos e todas as aspirações, o sonho, a energia, a coragem do povo brasileiro. Vivem a cobri-lo de baldões e de ironias, a amesquinhar as raças de que proviemos. Vivem a engrandecer tudo o que é de fora, desprezando todas as iniciativas nacionais. Tendo-nos dado um regime político inadequado, preferem, diante dos desastres da Pátria, acusar o brasileiro de incapaz, em vez

¹⁶ SALGADO, Plínio. *Manifesto Integralista*, São Paulo, 1932, p.4.

de confessar que o regime é que era incapaz. Cépticos, desiludidos, esgotados de prazeres, tudo o que falam esses poderosos ou esses grandes e pequenos burgueses, destila um veneno que corrói a alma da mocidade. Criaram preconceitos étnicos originários de países que nos querem dominar. Desprezaram todas as nossas tradições. E procuram implantar a imoralidade de costumes. Nós somos contra a influencia perniciosa dessa pseudo-civilização, que nos quer estandardizar.¹⁷

A terceira característica vista como relevante é o anti-comunismo e o anti-liberalismo. Segundo Trindade a Revolução de 1930 tem "o mérito de criar um período de produção intelectual dos mais fecundos" no Brasil. Anteriormente a este período, a produção literária no país dificilmente atingia um caráter científico. Citando João Cruz Costa, Trindade revela que esse período não decorre mais de uma análise vulgar da política, mas do estudo das resoluções dos problemas administrativos, econômicos e sociais, ou pelo menos um anseio a este estudo.¹⁸

Havia uma perspectiva análoga entre a esquerda e a direita sobre seu posicionamento que resultava em ideologias antiliberais. A inquietação e o Ceticismo eram comuns às duas vertentes, segundo Trindade. Esta posição encontrava referência no mundo europeu, onde o clima do pós-guerra põe em xeque os modelos tradicionais adotados, como já visto anteriormente. A inquietação levou, segundo Trindade, a "uma angústia da nova geração brasileira, [e] reflete, igualmente, o clima internacional." De um lado a influência dos soviéticos, por outro lado a "incapacidade" das democracias fazerem face à "ameaça socialista". Além de que, este anti-liberalismo combina com a ideologia centralizadora dos modelos autoritários europeus do período. Portanto Trindade vem constatar, "esta geração é, por fim, antiliberal".¹⁹

Esta geração se expressava claramente neste período por periódicos e meios intelectuais, tendo participado como colaborador, em um destes periódicos, o próprio Plínio Salgado. O que mais chama a atenção, justamente, é o periódico chamado *Hierarchia*, onde colaboraram diversos futuros líderes e intelectuais da AIB, dentre eles

¹⁷SALGADO, Plínio. *Manifesto Integralista*, São Paulo, 1932, p.1.

¹⁸TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul 1974, p.106.

¹⁹TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 108.



Plínio Salgado. Este periódico não escondia a sua orientação política, até mesmo porque o nome foi provavelmente copiado de um órgão oficial do fascismo italiano, e constantemente publicavam artigos com conteúdos “importados” dos italianos.

Juntamente com este periódico, encontramos uma revista chamada de “Revista de Estudos Jurídicos e Sociais”, que em maio de 1931 publica o “Inquérito de Sociologia Brasileira”, referente a uma comissão constituída em setembro de 1929, que tinha como foco de interesse o “problema de formação de nacionalidade”.²⁰ Segue abaixo uma citação do relatório apresentado em 1931.

A revolução realizada por correntes heterogêneas e até mesmo antagônica, sem uma forte ideologia, que lhe norteasse a atividade, sem amparo outro que o de força, sempre precário e passageiro, via-se frente a frente com uma realidade bem diversa do que se esperava, bem mais complexa e séria do que supunham os ingênuos pregadores liberais.²¹

Quando no relatório é dito o termo “ingênuos pregadores liberais”, pode-se compreender qual a posição ideológica seguida por esse comitê, minimamente crítica ao liberalismo. Os autores do relatório continuam refletindo sobre a falta de um fundamento ideológico forte, que tem relação direta com a falta de hierarquia. Elucidando assim, uma nova empreitada, um movimento de reação com características nacionalistas.

Apesar de assumidamente antiliberais, os Integralistas não se negavam a utilizar preceitos conhecidos do liberalismo para doutrinar seus seguidores. Por vez tornam-se incoerentes quando colocam princípios como a meritocracia - vista também em discursos liberais – ao lado de discursos antiliberais. Segue abaixo uma citação do Manifesto de 1932.

Os homens e as classes, pois, devem viver em harmonia. É possível ao mais modesto operário galgar uma elevada posição financeira ou intelectual. [...] O direito de propriedade é fundamental para nós, considerando seu caráter natural e pessoal. O capitalismo hoje atenta contra este direito, baseado como se acha no individualismo

²⁰TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 109.

²¹ Inquérito de Sociologia Brasileira. *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*. Rio de Janeiro, 2-3, de maio de 1931

desenfreado, assinalador da fisionomia do sistema econômico liberal-democrático.²²

Segundo outro pesquisador, Edgar Bruno Frank Serrato, em seu trabalho *Ação Integralista Brasileira e Getulio Vargas. Antiliberalismo e Anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945*, uma tabela retirada de um texto do Gustavo Barroso, de caráter pedagógico, chamado *O que o integralista deve saber* – muito utilizado pelos integralistas para exemplificar doutrinas sintetizadas aos militantes – demonstra de forma simples a crítica integralista acerca do liberalismo.

Segundo Serrato, para Barroso o estado liberal pode ser entendido a partir de três pilares base, uma filosófica, uma política e uma econômica. A base filosófica se constrói em um caráter individualista, na neutralidade do estado e na liberdade de pensamento, que acarreta em uma corrupção moral e espiritual, que se opõe a relação próxima com a doutrina social cristã defendida pelos camisas verdes. Em segundo momento a base política, que tem como principal crítica do integralismo o direito ao sufrágio universal e a segmentação política polarizada, comum nas democracias que, segundo a ideologia integralista, levaria a um enfraquecimento dos governos, através do individualismo e da corrupção. Por fim, a terceira base, econômica que apresenta sintetizado o individualismo liberal, fomentador das lutas de classes e de uma anarquia da produção, dificultando a distribuição das rendas.²³

Devemos tomar conta de que dentro da ideologia integralista, o liberalismo e o comunismo não se opunham, mas sim um levaria ao outro, seja por fraqueza do sistema liberal ou por um caráter processual. Segundo Serrato, o ponto fundamental deste pensamento se encontra no fato de que para esse discurso, o liberalismo seria filho da filosofia materialista e, portanto irmã gêmea do comunismo. Para os intelectuais integralistas, Marx seria o principal estudioso da burguesia. Abaixo a citação de Serrato de um texto de Oliveira para ilustrar o pensamento dos líderes integralistas.

Nesta linha interpretativa, esta concepção cria uma relação de identidade filosófica e de cooperação - concebendo o comunismo como

²²SALGADO, Plínio. *Manifesto Integralista*, São Paulo, 1932, p.1-3.

²³SERRATO, Edegar B. F. *Ação Integralista Brasileira e Getulio Vargas: Antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945*. Dissertação de mestrado, Curitiba, 2008, p.63.

um desdobramento do liberalismo - entre seus dois principais inimigos. Esta construção possuía como principal intuito “[...] demonstrar a “origem” em comum de tais ideologias e, também, [...] transmitir a noção de conspiração”.²⁴

Segundo Plínio, o que difere o comunismo do integralismo seria a premissa de que o comunismo aceita o liberalismo como uma base de processo para a sua consolidação, sendo assim não uma antítese e sim o resultado de um modelo capitalista liberal. Os dois tem uma gênese em comum, e se apoiam na mesma metodologia política. Ainda segundo Serrato, nos textos doutrinários de Salgado, fica mais evidente o caráter antiliberal do que anticomunista, sendo que a idéia era acabar com a raiz do problema, a sua gênese. Seria claro para Plínio e seus pares que o comunismo não passaria de um resultado para a liberal democracia e suas ações debilitadas em relação à liberdade partidária e ao direito do sufrágio universal, que estaria evidenciado em ações de greve. Resumindo, Serrato coloca de forma clara a perspectiva deste discurso.

Segundo esta argumentação, o liberalismo incentivava o crescimento do comunismo em dois aspectos, primeiramente, por criar dentro das sociedades as condições necessárias para a sua proliferação como idéia - por meio do desenvolvimento econômico não dirigido e pela falta de atenção frente a luta de classes -, e, em um segundo momento por dar as condições constitucionais e eleitorais para uma possível implementação deste regime.²⁵

Já no manifesto, encontramos diretamente um discurso anticomunista expressivo, de forma clara, colocando a par da ideologia o leitor.

O comunismo não é uma solução, porque se baseia nos mesmos princípios fundamentais do capitalismo, com o agravante de reduzir todos os padrões a um só e escravizar o operariado a uma minoria de funcionários cruéis, recrutados todos na burguesia. O comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; [...] O que nós desejamos dar ao operário, ao camponês, ao soldado, ao marinheiro é a possibilidade de subir conforme sua vocação e seus desejos. [...] Salvá-los da escravidão do comunismo.²⁶

Portanto, o estado liberal faz parte do comunismo para AIB, tornando-se um

²⁴OLIVEIRA, R. S *Perante o tribunal da História: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira*, Dissertação de mestrado, Porto Alegre, 2004, p. 88.

²⁵SERRATO, Edegar B. F. *A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: Antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945*. Dissertação de mestrado, Curitiba, 2008, p.71.

²⁶SALGADO, Plínio. *Manifesto Integralista*, São Paulo, 1932, p.3.

contraste ao nacionalismo proposto pelos camisas verdes. Segundo Hélió Trindade, para os integralistas, “a salvação do estado está em livrá-lo do liberalismo em detrimento da instauração de um estado forte, pondo fim à luta classes e ao abuso do poder econômico de que gozavam os detentores do capital”.²⁷

O estado liberal é visto como uma antítese do estado fascista, o liberalismo ao contrário do fascismo, constitui um caráter “não intervencionista”, contrastando com o autoritarismo do estado fascista integralista contra a burguesia.

SIMBOLOGIA E COESÃO SOCIAL

Os integralistas detinham uma organização muito bem elaborada dentro, e o princípio mais evidente que regia essa estrutura organizacional, era o da autoridade. Através da análise do discurso proferido e encontrado nas publicações integralistas, e também do próprio cunho centralizador, podemos definir que esse ufanismo em relação ao chefe se encontra, entre outras coisas, com uma forma desses militantes se sentirem coesos e relacionados entre si. A possibilidade de toda a divisão organizacional integralista deter um ponto referencial mútuo a todos os militantes torna favorável o estabelecimento de uma coesão social.

Além da figura centralizadora do chefe nacional, encontramos diversos outros símbolos que definiam o integralista como tal. Esses estigmas estabeleciam um padrão estético do militante específico, que igualmente a todos os outros, se encontrava e se percebia como uma parte de um grupo. Os símbolos são fontes de análise de militantes, sendo expresso em diversos estudos sobre regimes autoritários. Sabe-se que tanto os fascistas italianos, quanto os nazistas na Alemanha, carregavam uma forte carga de simbologia consigo, indo desde seus trajes, ao símbolo principal de cada regime, a suástica no caso dos alemães, entre outros, como gritos de saudação e palavras de ordem. O militante integralista detinha um padrão estético bem definido, ainda na mais no que dizia respeito às reuniões oficiais.

Segundo a psicanálise, a indumentária pode ser analisada sobre dois prismas,

²⁷SERRATO, Edegar B. F. *A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945*. Dissertação de mestrado, Curitiba, 2008, p.71.

que se relacionam entre si. Optei por tomar como referência o trabalho feito por Samuel Mendes Vieira, especialista em moda e artes pela UFJF, e Leandro P. Gonçalves, doutor em história pela PUC/SP e professor Titular do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, além de outro trabalho da autoria de Tatiana da Silva Bulhões, à época mestranda pela UFF.

Primeiramente o traje. Sabemos da simbologia que subjetiva o traje oficial, seja ele de qualquer organização, ou associação, a indumentária sempre poderá nos dizer muito sobre quem está a vestindo. É claro dentre as análises dos autores citados a essa perspectiva, principalmente no que tange a união e coesão do grupo.

Segundo o psicanalista J. C. Flugel, em sua obra “A Psicologia das Roupas” de 1966, é dito que o motivo pelo qual nos vestimos partem de dois pressupostos: primeiramente, que segundo Flugel seria o principal, o adorno e enfeite. Em segunda esfera seria o pudor e proteção. Além disso, as roupas são uma fonte enorme de informações sobre determinado grupo, e demonstra como esse grupo, norteado por uma indumentária específica, se relaciona e se percebe em um padrão, com o resto da sociedade, aquém a essas vestimentas.²⁸

Portanto podemos analisar a vestimenta integralista como um dos símbolos utilizados para estabelecermos uma coesão e um controle sobre os militantes. Sabemos que o militante logo que era aceito como integralista, deveria abdicar de todo seu aparato crítico, para somente obedecer ao estado integral, representado pela figura do chefe nacional, essa era uma tática autoritária para o controle do indivíduo. A indumentária representa um “fato social” já que ela nos revela “a pele percebida, ou seja, aquilo que nos é externado e traduz, em parte, o que somos e o que pensamos”.²⁹

Oficialmente os militantes se apresentavam com camisa social verde-oliva, calças brancas, caquis, ou pretas iguais às gravatas para os homens, e saias para as mulheres. Podemos elucidar o tamanho da importância para o integralismo dessas vestimentas, já que eles também ficaram conhecidos na história como camisas-verdes.

²⁸VIEIRA, Samuel Mendes. GONÇALVES, Leandro Pereira. “Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira CES Revista v. 24. Juiz de Fora 2010 Pg.191-192

²⁹VIEIRA, Samuel Mendes. GONÇALVES, Leandro Pereira. “Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira CES Revista v. 24. Juiz de Fora 2010. P.192

Neste trecho de um poema integralista podemos compreender o nível de importância destas vestes. “[...] E se renegas o teu juramento, despe a Camisa-Verde e, no momento com nojo de ti mesmo, - busca a morte!”³⁰

Segundo o documento “Protocolos e Rituais da Acção Integralista Brasileira”, Ministério da Guerra, 22 de Junho de 1934, é o seguinte:

- A)– Camisa symbolica de côr verde inglez, de colarinho pregado e preso por botões nas pontas; passadeiras com 6 cms na base e 5 nas pontas que devem ser em semi-circulo, terminando a 1 cm do colarinho; dois bolsos à altura do peito com pestanas rectas abotoadas; no terço médio do braço esquerdo, um circulo branco com 9,5 cms de diâmetro, circundando por um vivo preto de 0,5 cm de largura, e sobre o campo branco um Sigma preto, cujas dimensões serão de 7 cms por 6 cms.
 - b)– Gravata de tecido preto, liso, com laço vertical canida até próximo ao cinto.
 - c)– Gôrró verde da côr da camisa, de duas pontas, com distintivo idêntico ao do braço colocada do lado direito, com as seguintes dimensões: 4 cms para o diâmetro do circuo 0,5 para o friso envolvente e 2 cms por 1,5 cms para o Sigma.
 - d) – Calças pretas ou brancas.
 - e)– Cintos e sapatos, de preferencia, preto.
- (Para detalhes e maior rigor no uniforme, consultar o Reg. Do C.T.N. da S.N.E).³¹

O segundo símbolo para análise desta coesão do partido que analisaremos, é o símbolo do SIGMA. Para entendermos a função dessa relação de respeito à ordem integralista e sua doutrina, não podemos nos limitar à indumentária, e sim a mais símbolos, antes de passarmos para a estruturação executiva da AIB.

O sigma é uma letra grega que representa a soma, comparável e relacionada com a nossa letra “S“. Estranho imaginar um movimento nacionalista que adquire um símbolo internacional. Porém podemos elucidar que esse símbolo vai além de sua nacionalidade, embebido de conceitos subjetivos a ele, o sigma serviu também de instrumento de coesão, como a suástica serviu aos alemães.

³⁰ VIEIRA, Samuel Mendes. GONÇALVES, Leandro Pereira. “Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira . Apud CAVALARI, R.M.F. CES Revista v. 24. Juiz de Fora 2010. Pg 193

³¹ FIGUEIRA, Guilherme J. Blog História do PRP. *Acessórios e indumentária do uniforme da Acção Integralista Brasileira*. Disponível em: <http://historia-do-prp.blogspot.com.br/2013/10/segundo-os-protocolos-e-rituaisda-acao.html> Acesso em 7/11/14

Segundo Gustavo Barroso, o sigma representava além da soma dos “infinitamente pequenos”, a estrela polar no hemisfério sul, onde fica o nosso país. Outra designação era de ser a letra que os gregos usavam para representar o Deus, já que o nome da divindade, Sóteros o Salvador, começava e terminava com a letra sigma. Portanto “Assim, o Sigma, símbolo da nossa Ideia Integral está na ciência, está na tradição religiosa de nossa civilização cristã – e estão nas próprias estrelas do nosso firmamento”.³²

Fica clara a importância da igualdade nos trajes para o estabelecimento de um padrão estético ao militante. Igualmente aos nazistas alemães, o símbolo do sigma tinha outro uso, como braçadeira. Os integralistas usavam o sigma em cima do mapa do Brasil em azul, envolto ao braço, justamente como os nazistas. Abaixo uma ilustração do traje integralista padrão.



³²BARROSO, Gustavo. “O que o Integralista deve saber”. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1935. p. 147.

Plínio Salgado e Chefes Integralistas em saudação oficial.³³

O terceiro e penúltimo símbolo que faremos uma breve explanação para o entendimento da questão de coesão social do militante integralista será a saudação dos militantes, *Anauê!*. Segundo Helgio Trindade, a saudação é feita com o braço direito levantado, igualmente aos fascismos europeus, seguido da palavra Anauê, de origem indígena tupi, que é uma representação de um grito de guerra e um gesto de saudação, relacionado à expressão “você é meu parente”.³⁴

Por último a bandeira integralista. A bandeira é um símbolo máximo do qualquer organização, seja ela política ou não. Encontramos bandeiras em diversas formas e especificidades, todas elas representam subjetividades de certo grupo. Países representam seus ideais, seus territórios e divisões, ou até mesmo a religião em seus estandartes. Com o integralismo não é diferente. A bandeira integralista é de extrema importância para os militantes, como em qualquer país se dá uma relativa ufanização do símbolo por parte de uma organização soberana. Trindade explica que a bandeira integralista representa em suas cores e símbolos, o ideal integral.

A bandeira integralista é composta de um fundo azul, que segundo Trindade representa o pensamento do integralismo, a sua imensidão que abarca uma perspectiva integral, uma esfera branca que simboliza a pureza dos interesses integralistas em gerar uma sociedade coesa e integrada, seguido da letra Sigma em maiúsculo no centro que representa toda integração se sobrepondo à esfera branca, que através de sua cor também representa a junção de todas as cores.

³³ VIEIRA, Samuel Mendes. GONÇALVES, Leandro Pereira. “*Plínio, com que roupa eu vou?!: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira*”. CES Revista v. 24. Juiz de Fora 2010. Pg 199

³⁴ TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 197.



Imagem Arquivo Marcus Ferreira. Disponível em:
<http://construindohistoriahoje.blogspot.com.br/2010/11/relembrando-memoria-integralista-o.html>. Acesso em 13/11/14

Portanto a partir desta análise podemos tomar como referencia o conceito de Norbert Elias, que remete à coesão como um potencial fator que gere uma relação de poder em referencia a outro grupo. Segundo Elias e Scotson em sua obra *Estabelecidos e Outsiders*, o grupo estabelecido era excludente com os outsiders, estritamente em relação ao seu “maior poder de coesão, assim como à ativação deste pelo controle social.” Assim os integralistas, através da simbologia mútua, se sentiam coesos em relação aos grupos outsiders, revelando assim sua fonte de estabelecidos.³⁵

ESTRUTURA DA AIB NACIONAL E REGIONAL

Sabemos que a AIB tinha um sistema organizacional muito pautado na hierarquização partindo do princípio de autoridade. Podemos imaginar essa organização como algo parecido com a vassalagem medieval, onde haveria uma estrutura verticalizada que diferenciava cada posição dentro da hierarquia. Não temos como analisar a hierarquia integralista sem relacionarmos essa estrutura com o princípio de autoridade ou com a ideologia autoritária. Como já citado no texto, para Plínio, somente

³⁵ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Pág. 22.

através do princípio de autoridade é que chegaríamos a uma ordem, ou citando diretamente o manifesto “Precisamos de hierarquia, de disciplina, sem o que só haverá desordem.”³⁶

Essa disciplina e ordem não existirão sem que os militantes se submetam à autoridade do chefe maior, portanto fica óbvio que a subjugação, de ideais, princípios, padrões estéticos e de moralismos, são as condições para que a estrutura executiva e administrativa da AIB se estabeleça. Exemplifica-se nesta passagem de Helgio Trindade o que estamos querendo explicar.

Não se pode dissociar, em um movimento fascista, a ideologia e a organização porque existe uma relação explícita entre a estrutura desta e o conteúdo da outra. Geralmente as organizações políticas autoritárias se estruturam hierarquicamente com o objetivo de enquadrar eficazmente seus militantes. A organização integralista, entretanto, supera esta função meramente instrumental: além da estrutura vertical e rígida, sob o controle de organismos de enquadramento e socialização ideológica, a AIB incorporou uma nova dimensão capaz de transformar a organização na pré-figuração do Estado Integral.³⁷

A organização regida pelo chefe maior constitui, segundo Trindade, uma forma de “organização burocrática e totalitária”. Ainda segundo Trindade, essa burocracia se manifesta em um “complexo de órgãos, funções, papéis, comportamentos previstos minuciosamente, pelos estatutos, resoluções do chefe e rituais”. Já o caráter totalitário, se exemplifica nas “relações rígidas entre os órgãos de enquadramento disciplinado dos militantes (a partir das organizações da juventude até a milícia) e da submissão autoritária e fidelidade aos superiores hierárquicos”.³⁸

Essa organização burocrática autoritária desempenha um fator importante para que possamos entender o que Trindade vem a chamar de tríplice função. Segundo Trindade a tríplice forneceria “ao chefe meios poderoso para dirigir o movimento; realizar uma experiência pré estatal ao nível da organização, inspirada no modelo teórico do Estado Integral e constituir-se num instrumento de socialização político-

³⁶ SALGADO, Plínio. *Manifesto Integralista*, São Paulo, 1932, p.1.

³⁷ TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 169.

³⁸ TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 169-170.

ideológica dos aderentes” Resumindo: o chefe, a estrutura e os meios de socialização ideológicos.³⁹

Como não podemos analisar profundamente todos os aspectos que circundam o sistema burocrático organizacional da AIB, nos propomos a trabalhar uma análise rápida sobre somente alguns desses aspectos.

Primeiramente a questão do Chefe Nacional, encontrada diretamente na figura de Plínio Salgado. A organização verticalizada, igualmente nos regimes fascistas europeus, era evidenciada na figura do chefe maior, a quem todos os militantes e estudantes reservam a autoridade. Segundo Trindade, “os estatutos lhe atribuem a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder, centralizado, total e permanente”.⁴⁰

Essa centralização do poder, imposta autoritariamente pela organização do movimento, faz com que toda AIB somente funcione em dependência a este posto. Trindade afirma explicitamente que “O Chefe Nacional dirigirá e comandará todo o movimento em todas as províncias através dos departamentos nacionais.” E em cada província o Chefe nomeara um secretário nacional para auxiliá-lo, sob sua imediata fiscalização.⁴¹ O chefe nacional tem todo poder sobre o movimento, até mesmo no que tange seus julgamentos pessoais. Ele decide pelo movimento, até mesmo sobre a doutrinação ideológica, levando em contra partida o estabelecimento propriamente dito dos seus subalternos dentro da organização executiva do movimento. Segundo Trindade, ele “define a Ação político-ideológica dos integralistas porque ele é o comandante em chefe das forças integralistas.”⁴²

Abaixo da figura do chefe nacional, temos dezenas de cargos distribuídos de forma a organizar a rede burocrática integralista. Existem diversos conselhos, como o conselho nacional, departamentos nacionais de organizações políticas, de propaganda,

³⁹TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 170.

⁴⁰TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 172.

⁴¹TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 172

⁴²TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 172.

finanças, doutrinas, até mesmo artísticas. Como demandaria muita reflexão e espaço textual, para podermos analisar toda essa estrutura, pretendemos citar aqui somente de forma ilustrativa, para que possamos chegar mais proximamente do cargo que nos interessa, que seria o chefe provincial e o chefe municipal.

A organização burocrática do partido tem relação direta com o modelo do estado integral, proposto pelo movimento para ser colocado em prática. Ele pode ser entendido como um sistema de incubação da própria máquina estatal integralista, portanto os cargos e títulos que encontramos no sistema organizacional executivo e administrativo da AIB, e a forma como eles interagem entre si, representam, em tese, o estado integral, ou como coloca Trindade: "um modelo pré-estatal".⁴³

A figura do Chefe provincial poderia ser comparada ao cargo de governador, à grosso modo. Ele é estabelecido diretamente por uma espécie de colegiado, um conselho nacional, onde comparecia o mais alto escalão da máquina estatal integralista, conhecida como Câmara dos Quarenta. A junção destas altas patentes, posteriormente, segundo Trindade, era o que compunha o organismo mais importante de representação da AIB, chamado Corte do Sigma. Nele compareciam, além da câmara dos quarenta, "os principais órgãos de cúpula na hierarquia do poder". Porém essa corte só se reúne pela primeira vez em 1936.

Ao ouvir novamente falar de província, fica difícil não relacionar com o período em que o estado do Paraná lutava pela independência política, em relação à coroa. Portanto esta ideia de província remete quase que a uma volta ao século XIX, onde todos os "presidentes das províncias" eram nomeados diretamente pela coroa, e regularmente não eram nascidos no sul. Podemos entender o "chefe provincial" como o "presidente da província" no século XIX foi principalmente no que diz respeito à sua nomeação, oriunda da verticalização dos sistemas autoritários.

Pensando ainda nesta verticalização, abaixo do Chefe Provincial encontramos uma estrutura estabelecida de departamentos provinciais subdivididos do mesmo modo que os departamentos nacionais.

⁴³TRINDADE, Helgio. *Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 179

Entrando ainda mais afundo na hierarquia integralista, chegamos ao chefe municipal. O chefe municipal era o dirigente dos militantes locais, dentro da hierarquia respondia diretamente ao chefe provincial e os departamentos da província, este, por sua vez, subordinado aos departamentos nacionais e ao chefe nacional. Igualmente como vemos na comparação entre os departamentos nacionais e provinciais, podemos constatar que os modelos de organização integralista, são representados de forma muito parecida, quase idêntica, somente em uma escala mais micro. Cada organização destes departamentos, seja nacional, provincial ou municipal, segue a risca o princípio de incubação do estado integral.

O chefe municipal era o representante máximo dentro de cada cidade, organizava e presidia as reuniões, além de gerir os interesses do estado maior nas definidas localidades. Regularmente encontramos nomes de grandes influencias no município para este posto. Salvo algumas razões, em grande maioria, os militantes, mas certamente os dirigentes, eram pessoas de grandes posses. Regularmente profissionais liberais, comerciantes, militares entre outros cidadãos de classe social elevada. No Paraná não era diferente, principalmente no que diz respeito à Paranaguá.

O NÚCLEO INTEGRALISTA EM PARANGUÁ

Antes de tratarmos de Paranaguá especificamente, temos que ter em vista a cadeia de comandos hierárquicos que tramitavam para que os núcleos se instalassem. Apesar de Paranaguá ser uma das cidades mais antigas do Paraná, acabou não tendo prioridade em ter um núcleo. Como já colocado, os perfis de classe dos militantes e principalmente do alto escalão, era majoritariamente alto. Em poucas exceções encontramos operários, e cidadãos de classe mais baixa, porém ainda encontramos. Talvez esse seja um dos motivos para que Paranaguá não tenha sido o primeiro núcleo, a maior parte do capital gerado pela cidade acabava partindo para Curitiba.

Apesar de Curitiba ter se tornado o núcleo principal da província do Paraná logo no primeiro ano de instalação da AIB, o primeiro núcleo do Paraná aconteceu em Ponta Grossa. Segundo Carmencita Ditzel, “a AIB organizou-se já nos fins de 1932 e, até sua extinção em 1938, contou com três chefes: Estevam Coimbra, Emmanuel Bittencourt

Corrêa de Castro e Benjamin Mourão. O núcleo local da AIB reunia mais de 700 filiados e grande número de colaboradores e simpatizantes.”⁴⁴

Este grande numero de adesão, e uma abertura pioneira para um núcleo integralista se deve, em muitos casos, como no RS e SC, pela grande parte de imigrantes italianos e alemães. A influencia na doutrina integralista dos fascismos europeus na década de 1930 é clara neste sentido. O grande número de imigrantes das duas maiores potências fascistas do período facilitava a aceitação.⁴⁵

Em 1934 Curitiba já aparece como difusora da doutrina para o estado, como aponta Athaides. Houve certa disputa entre Curitiba e Ponta Grossa. Desde 1932 já aparecem apontamentos confirmando que o Dr. Brasil Pinheiro Machado⁴⁶ figurava como principal liderança provincial em Ponta Grossa. “Nos primeiros números do Monitor Integralista (entre dezembro de 1933 e março de 1934), Brasil Pinheiro Machado aparece como o único coordenador do movimento no Estado.”⁴⁷

Essa disputa entre Curitiba e Ponta Grossa pela chefia da chamada Província do Paraná, pode ser resumida a dois nomes. Primeiramente o já citado Brasil Pinheiro Machado, em Ponta Grossa, e a segunda figura importante na liderança do movimento na Província do Paraná, Vieira Alencar⁴⁸.

Segundo o historiador Rafael Athaides, o despontamento de Vieira Alencar a principal nome integralista no Paraná é visto como um recomeço, pois o início remonta

⁴⁴ DITZEL, Carmencita H. M. *Manifestações Autoritárias. O integralismo nos Campos Gerais (1932-1935)*. Tese de Doutorado. Florianópolis 2004. p. 134

⁴⁵ DITZEL, Carmencita H. M. *Manifestações Autoritárias. O integralismo nos Campos Gerais (1932-1935)*. Tese de Doutorado. Florianópolis 2004. p. 131

⁴⁶ “Brasil Pinheiro Machado nasceu em Ponta Grossa, no ano de 1907. Cursou Direito no Rio de Janeiro, formando-se em 1930. No início dos anos 1930, advogou em Ponta Grossa, lecionou no Colégio Regente Feijó e dirigiu a mesma instituição. Em 1932, foi nomeado prefeito municipal. De família tradicional, herdou o nome do Pai, um coronel. Na década de quarenta tornou-se professor da de Historia do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, cargo em que permaneceu até 1977, sendo um dos fundadores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade.”

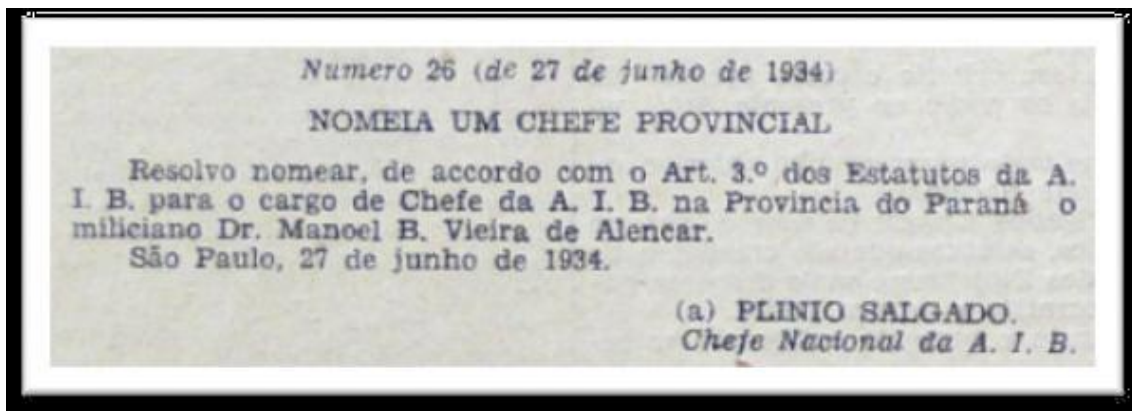
⁴⁷ ATHAIDES, Rafael. *A instalação da província paranaense da AIB: do “Início esquecido” à fundação oficial (1932-1935)* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011 p. 1-2

⁴⁸ “Manoel Bernardino Vieira Barreto de Alencar nasceu no dia 20 de novembro de 1873 no Estado de Alagoas. Seu pai, João Vieira Damaceno, era Coronel da Guarda Nacional na comarca de Paulo Affonso, Alagoas. De longa carreira jurídica e política no Paraná, Alencar ocupou cargos como de Juiz (ainda no Império), Deputado Estadual (na Primeira República) e Professor Catedrático da UPR. Seu perfil, no tange ao quesito geracional, difere dos demais líderes integralistas do Estado, que em geral nasceram na primeira década do século XX.”(ATHAIDES,2011)

à Ponta Grossa com Pinheiro Machado, entretanto a partir de 1934 já constava nos periódicos integralistas o nome de Vieira Alencar como chefe paranaense. Athaides aponta que em 1933, Miguel Reale, um dos principais chefes integralista, oriundo de São Paulo, esteve no sul trazendo bandeiras de militância, e que provavelmente teve contato com Vieira Alencar.⁴⁹

Aqui chegou, vindo de S. Paulo o chefe Vieira Alencar, que trouxe profunda impressão do que viu na vizinha província onde o integralismo já representa uma força considerável. As actividades do chefe provincial [sic] em Curityba estão produzindo os melhores efeitos. Diariamente, nos jornaes, saem artigos doutrinários. O nucleo local está promovendo reuniões cultuares. Em Ponta Grossa o companheiro Brasil Pinheiro Machado desenvolve forte propaganda (*A Offensiva*, n. 1, 17/05/1934, p. [ilegível]).⁵⁰

Logo após esta publicação do periódico citando Vieira Alencar, em meados de Junho, foi oficialmente apresentado como Chefe da Província do Paraná, como comprova o recorte exposto por Athaides em seu trabalho.



(*Monitor Integralista*, nº 7, 08/1935).⁵¹

Em Paranaguá não foi diferente. Os principais líderes faziam parte de uma classe privilegiada na cidade. Segundo citado por Athaides, o núcleo parnanguara sob o

⁴⁹ATHAIDES, Rafael. *A instalação da província paranaense da AIB: do “Início esquecido” à fundação oficial (1932-1935)* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011 p. 4

⁵⁰ATHAIDES, Rafael. *A instalação da província paranaense da AIB: do “Início esquecido” à fundação oficial (1932-1935)* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011 p. 5

⁵¹ATHAIDES, Rafael. *A instalação da província paranaense da AIB: do “Início esquecido” à fundação oficial (1932-1935)* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011 p. 5



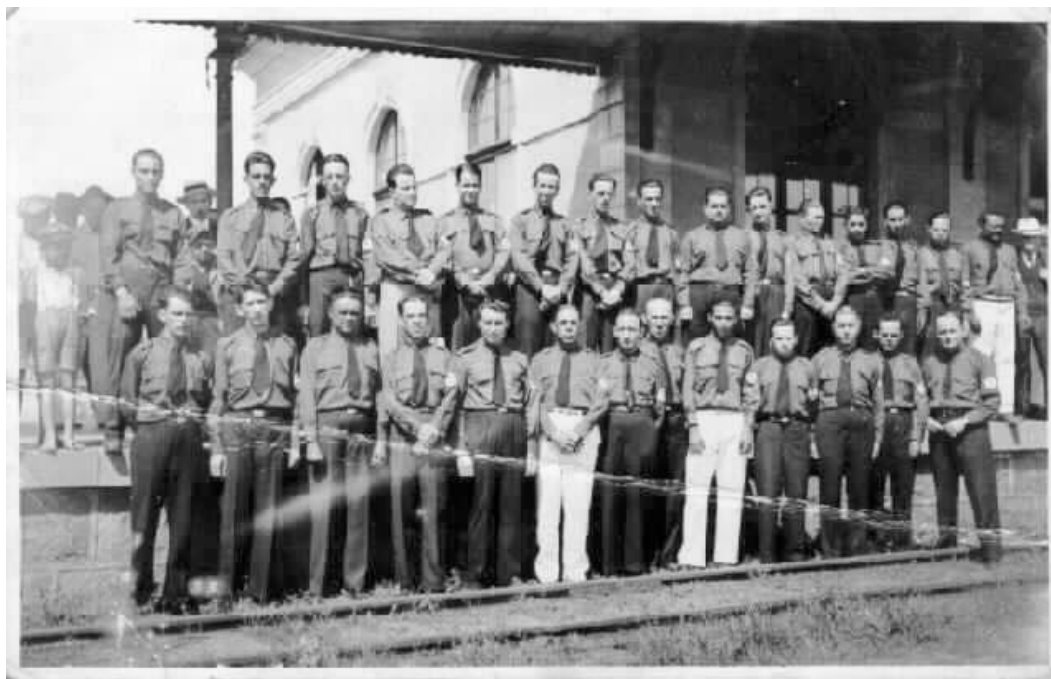
comando de João Eugênio Cominese⁵², recebeu uma comitiva em que “a viagem [...] foi feita em trem especial, composto de seis carros de primeira classe”. A citação de Athaides continua:

À instalação do núcleo de Paranaguá accorreram mais de duas bandeiras da milícia camisa-verde, idas especialmente de Curityba. Igualmente o Chefe Provincial, dr. Vieira Alencar e seu estado maior e secretariado, estiveram em Paranaguá, onde foi recebida debaixo da mais intensa vibração patriótica. Num dos principais theatros da cidade foi celebrada a sessão de instalação do N.M.I. [Núcleo Municipal Integralista], tendo jurado então mais de 40 integralistas (*A Offensiva*, nº 30, Rio de Janeiro, 06/12/1934, p. 1).⁵³

Ainda segundo Athaides, Para o mês seguinte, dezembro, *A Offensiva* veiculou o crescimento da AIB local: “o núcleo de Paranaguá sob a orientação do companheiro João Cominese tem progredido rapidamente contando hoje com mais de 300 inscriptos [...]”. (*A Offensiva*, nº 30, Rio de Janeiro, 06/12/1934, p. 1).

⁵²Foi administrador da empresa Rocha de logística em Paranaguá, pertencente à família Munhoz da Rocha, chegando a ser proprietário, depois de um tempo. Foi prefeito de Paranaguá por dois mandatos, sendo o oitavo e posteriormente o décimo primeiro prefeito da cidade, em 1947 até 1951 e 1955 à 1959. Cumpriu todos os seus mandatos sendo o primeiro tendo como principal fato a comemoração dos trezentos anos da elevação da cidade de Paranaguá à vila, em 1948.

⁵³ ATHAIDES, Rafael. *A instalação da província paranaense da AIB: do “Início esquecido” à fundação oficial (1932-1935)* Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011 p.



Grupo Integralista na estação de trem de Paranaguá. 1938. IHGP

Paranaguá figurava como principal núcleo do litoral e fazia intermédio com a abertura de outros núcleos próximos. Algumas publicações de um parnanguara antissemita demonstram a força do pensamento integralista em Paranaguá, e a sua disseminação em publicações nacionais.

Os discursos dos parnanguaras saíam no periódico *A Razão*. O autor que mais chama a atenção é este que, segundo Athaides, desfraldava comentários antissemitas, anti-maçons e anticomunistas, chamado pelo pseudônimo “João do Sul”, em homenagem certa de uma releitura de um dos pseudônimos de Gustavo Barroso, “João do Norte”, um dos principais teóricos do integralismo. Athaides cita uma parte do *Jornal A Razão*.

É o cumulo! Com tal conceito religioso esta gente pretende instalar o comunismo no mundo (pois não conheço judeu que não seja comunista). Que bello comunismo! Lá em cima os judeus como principes, condes, duques, reis e imperadores, os nobres da criação, e lá em baixo, a humanidade, uma grande carneirada, as bestas de carga e do trabalho, adorando e venerando os seus amos. É o sonho de Israel!... Tome cuidado, brasileiro, para não te tornares carneiro, animal... (*A Razão*, n. 10,

05/07/1935, p. 6).⁵⁴

Outra citação de João do Sul, demonstrando sua opinião sobre a Maçonaria.

Quanto a trilogia “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, recomendamos aos maçons a leitura dos “*protocolos dos sábios de Sião*” que são os planos elaborados pelos supremos chefes da franco-maçonaria. [...] Lê maçom de Paranaguá estes “*Protocollos*” e verás que teus chefes supremos (todos judeus) querem te aproveitar como tijolo na construção do trono de Israel. Depois de teres feito o teu trabalho, teus chefes supremos te darão em pagamento o desterro, a morte, o exílio. Lê estes “*Protocollos*” e verás que tomaste o bonde errado. Leia também: “*As forças secretas da revolução*” de *Léon Poncins* e vestirás uma camisa verde, porque és brasileiro e amas a tua pátria e tua família (*A Razão*, n. 14, 05/08/1935, p. 3).⁵⁵

As relações entre os maçons e os integralistas eram muito mais profundas do que este trecho pode elucidar. A maçonaria em Paranaguá, como é comum percebermos na história política do Brasil, teve participação política ativa, desde a fundação de suas primeiras lojas em meados do século XIX. Por ser uma instituição antiga, que remonta ao período pré-republicano, e por terem majoritariamente como membros pessoas de famílias ilustres e abastadas⁵⁶, tornou-se natural o caminho para esse enlace com a construção política brasileira.

Em Paranaguá, a principal loja maçônica no estado no final do século XIX chamada Perseverança, teve envolvida em diversos fatos históricos importantes da história do país. Por Paranaguá ser uma cidade importante no período pré-republicano para o estado, muitas discussões sobre o caminhar político partiam de lá para o resto do estado, tendo como estopim as discussões entre os membros da Perseverança.

Entre alguns destes fatos vale-se destacar, de modo ilustrativo para ter ideia da importância política dos maçons parnanguaras, principalmente a abolição da escravidão:

⁵⁴ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos*. Tese de Doutorado. Curitiba, 2012. P. 276

⁵⁵ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos*. Tese de Doutorado. Curitiba, 2012. P. 277

⁵⁶LUZ, Osmar da. *Aug. .: e Resp. .: Loja Simb. .: Cruz da Perfeição Maçônica Perseverança n° 159: os 150 anos de Perseverança*. Osmar da Luz. Curitiba : edição do autor, 2014. P. 111.

“O trabalho da maçonaria para libertação dos escravos foi intenso em todo império”⁵⁷, “[...] a primazia no Brasil de uma primeira proposta em Loja Maçônica coube a perseverança de Paranaguá. [...] Nela, encontravam-se os mais ardorosos e elouquentes propagandistas da abolição”⁵⁸, e a proclamação da república: “Os maçons da perseverança fundaram, no dia 21 de agosto de 1887, o clube republicano.”⁵⁹ Tendo em vista que alguns cidadãos maçons assinaram uma proposta que “Presentes cidadãos abaixo assinados, declaram aderir francamente ao ‘manifesto’ de 3 de dezembro do 1870 e desligar-se completamente de qualquer compromisso que até hoje tenham mantido com Partidos Monárquicos Constitucionais, fazendo esta declaração espontaneamente [...]”⁶⁰

Sabendo deste ativismo político dos maçons parnanguaras, especialmente os da Perseverança, não seria estranho se eles continuassem a se envolver com a política no decorrer dos anos, fazendo emergir até mesmo declarações como a do João do Sul. Os maçons da Perseverança tiveram papel fundamental no estudo e na divulgação para outras lojas do Grande Oriente Brasil⁶¹ (GOB), das doutrinas e ideologias da AIB.

Um dos principais Veneráveis da Perseverança e venerável no período do surgimento da AIB em Paranaguá, Dario Nogueira dos Santos, “fez parte de um congresso revolucionário em 1932 quando o Partido Integralista estava se organizando, representando os operários de Paranaguá, e aí ouviu Plínio Salgado lançar seu primeiro manifesto onde ele afirmava “Combateremos a Maçonaria e o judaísmo”.

Dário então se tomou de iniciativa a desconstruir a ideologia integralista para o resto dos maçons do GOB. Considerado um dos primeiros historiadores de origem maçônica no Paraná, Dário escreveu sobre o integralismo durante boa parte da década

⁵⁷ LUZ, Osmar da. *Aug. ! e Resp. ! Loja Simb. ! Cruz da Perfeição Maçônica Perseverança n° 159: os 150 anos de Perseverança*. Osmar da Luz. Curitiba : edição do autor, 2014. P. 46.

⁵⁸ LUZ, Osmar da. *Aug. ! e Resp. ! Loja Simb. ! Cruz da Perfeição Maçônica Perseverança n° 159: os 150 anos de Perseverança*. Osmar da Luz. Curitiba : edição do autor, 2014. P. 49-50.

⁵⁹ LUZ, Osmar da. *Aug. ! e Resp. ! Loja Simb. ! Cruz da Perfeição Maçônica Perseverança n° 159: os 150 anos de Perseverança*. Osmar da Luz. Curitiba : edição do autor, 2014. P. 66.

⁶⁰ LUZ, Osmar da. *Aug. ! e Resp. ! Loja Simb. ! Cruz da Perfeição Maçônica Perseverança n° 159: os 150 anos de Perseverança*. Osmar da Luz. Curitiba : edição do autor, 2014. P. 66-67.

⁶¹ Órgão máximo da maçonaria brasileira, que todos os estados eram subordinados antes da grande cisma (desmembramento de algumas lojas e a criação de outros órgãos nacionais, devido à um aumento da criação de irmandades maçônicas)

de 1930. Em 22 de abril de 1935 foi cumprimentado em carta pelo Grão-Mestre do GOB pelo seu livro *A Maçonaria e a Ação Integralista*.⁶²

Dário também redigiu um opúsculo em forma de cartilha em 1934 que visava instruir os maçons da ideologia integralista.

O autor, ou melhor o relator, já que o texto também era a opinião de uma Loja, é o maçom Dario Nogueira dos Santos, da Loja Perseverança, de Paranaguá. Seu opúsculo é comentado na introdução pelo Grão-Mestre da Ordem, General Moreira Guimarães, com palavras elogiosas e carrega a ênfase no caráter da disputa político religiosa empreendida pelo integralismo.

O opúsculo em si trata de uma análise do Manifesto da Ação Integralista, constando de seis páginas que, segundo o General, resumem os melhores argumentos sobre a doutrina do integralismo, inicia-se da seguinte forma: A Ação Integralista Brasileira é contra a liberdade de consciência e defende uma **inquisição** político religiosa. ”⁶³

Um dos princípios integralistas que mais preocupavam Dario Nogueira era o de ufanismo ao chefe, que segundo ele demonstrava o caráter totalitário da AIB.

O juramento em torno do chefe nacional e das bandeiras antecede o próprio compromisso ao juramento do programa em referencia, apresenta partes em que diz que a solução será a que se oferecer no momento, logo, após juramento o indivíduo apresenta-se no estado de simples máquina, como desejam os jesuítas nas observações de Max Nordau.⁶⁴

Dário Nogueira também foi o relator da expulsão de seis integrantes da AIB em 1935, redigindo à eles uma “prancha” com os motivos dos desligamentos.

Fazemos votos para que vosso juramento ao Integralismo seja tão fiel como não o foi o maçônico para que nos momentos da luta da Ação Integralista Brasileira possais ser fiel ao integralismo como nos momentos de paz não o foste para com a Maçonaria⁶⁵

Dentre os expulsos da Perseverança encontrava-se Cominese, chefe local da AIB, homem poderoso, o que poderia explicar as ameaças de morte, difamações e

⁶² LUZ, Osmar da. *Aug. ! e Resp. ! Loja Simb. ! Cruz da Perfeição Maçônica Perseverança n° 159: os 150 anos de Perseverança*. Osmar da Luz. Curitiba : edição do autor, 2014. P. 120.

⁶³ GOHL, Jefferson Willian. *O Real e o Imaginário: A Experiência da Maçonaria na Loja União III Porto União da Vitória - 1936 a 1950*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 2003. P. 136-137.

⁶⁴ SANTOS, Dario Nogueira dos. *A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira*. Paranaguá; Loja Capitular Perseverança de Paranaguá. 1934

⁶⁵ SPOLADORE, Hercules. *Informativo Chico da Botica*. Ano 7, Edição n°. 052. 30 de maio de 2011. P. 6.

perseguições que Dário recebeu.⁶⁶

Cominese foi expulso em 8 de abril de 1935 segundo a ata da reunião da Perseverança.⁶⁷

Sabe-se que Cominese militava, ou mantinha relações estreitas com o movimento integralista até o final da década de 1930, como indica a imagem do documento do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) abaixo. Portanto sua saída da Perseverança só o fez continuar buscando seu ideal integralista. Até a proibição do partido Cominese continuaria fazendo parte e sendo líder em Paranaguá, sendo observado até mesmo em meados de 1945.

347
9407

DELEGACIA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL

347 FICHARIO PROVISORIO INDIVIDUAL

Nome JOÃO EUGENIO COMINESE Vulgo.....

Data 20 de Maio de 1.938. Prontuario na Delegacia n.º 615

Pai Francisco Raymundo Cominese Mãe DR. Antonieta Cominese

Idade..... Data do Nascimento 9-10-1.904 Sexo masculino

Nacionalidade brasileira Natural de Curitiba - Paraná

Estado Civil casado Profissão comercio

Local de trabalho Rocha & Cia. Ordenado Chefe da Firma

Residencia atual Porto D. Pedro II - Paranaguá

Residencias anteriores Rua Mal. Floriano (antigo 148) - Curitiba

É sindicalizado não sindicatos e locais que costuma frequentar:.....

Presidente da A. Comercia em Paranaguá.

Nome e residencia dos conhecidos e parentes:.....

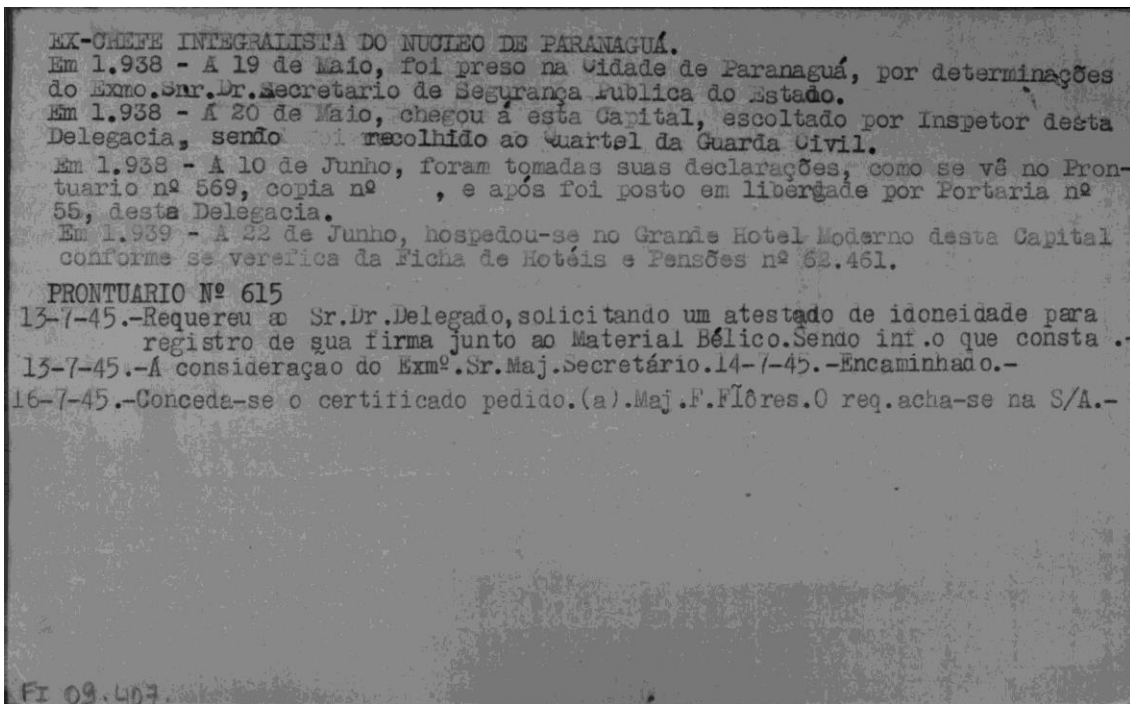
Notas Cromaticas:.....

FI 09.407 ONG2

(Frente) Fonte: Arquivo Público do Paraná

⁶⁶ SPOLADORE, Hercules. *Informativo Chico da Botica*. Ano 7, Edição n°. 052. 30 de maio de 2011. P. 6.

⁶⁷ LUZ, Osmar da. *Aug. e Resp. Loja Simb. Cruz da Perfeição Maçônica Perseverança n° 159: os 150 anos de Perseverança*. Osmar da Luz. Curitiba. Edição do autor, 2014. P. 120.



(Verso) Fonte: Arquivo Público do Paraná

A situação de Paranaguá era análoga à situação brasileira e mundial neste período, portanto não foi diferente o surgimento de uma militância como o Integralismo na cidade.

Apesar de que, em sua grande maioria, os militantes parnaguaras fossem de uma classe social mais abastada, e o seu principal líder, Cominese, fazer parte de uma parcela da população que tem como rendimento uma empresa, que certamente seguia os preceitos liberais, podemos constatar que as disparidades e incoerências do anti-liberalismo citado no início do artigo, refletiam até mesmo na província, e não somente no estado maior.

O Paraná se tornou um grande foco do integralismo no sul do país, através dos imigrantes italianos e alemães que aqui residiam no período, o imaginário coletivo, aliado a uma preferência ideológica autoritária facilitou a difusão da AIB.

Como citado por Rafael Athaides acima no texto, em pouco tempo a cidade de Paranaguá passou de 40 militantes para 300, isso em um período de poucos meses. Há de se imaginar a influencia de Cominese na cidade. A empresa que Cominese

administrava existe até hoje, algo em torno de 150 anos de trabalho na cidade, uma das empresas mais antigas.

A importância e evidência de Cominese não cessam por aí, além de ser um dos empresários mais influentes da cidade no período, posteriormente foi prefeito da cidade por dois mandatos, participando dentro da história da cidade em um momento glorioso, que foi o aniversário de 300 anos da elevação de Paranaguá à categoria de vila.

Acredito que Cominese influenciou e deixou um legado de extrema importância para entendermos o imaginário político paranguara, porém até o momento não conseguimos constatar se existia ou não um integralismo específico paranguara. Além de Cominese, vemos também outro paranguara integralista, Jorge Lacerda, oriundo da cidade, mas residente em Santa Catarina desde a infância, tornando-se governador posteriormente.

Paranaguá era importante para o integralismo, seja pela participação de Cominese como líder, seja pela importância da cidade, por ser portuária - unindo as duas situações, o fato do porto e o fato de que Cominese administrava a principal empresa portuária da cidade, essa importância se eleva ainda mais, além de facilitar o controle autoritário pela cidade, principalmente no quesito econômico - ou também pela posição privilegiada da cidade em relação aos municípios vizinhos do litoral, como Antonina, Morretes, Guaraqueçaba, entre outros.

Paranaguá figurou entre um dos principais núcleos do Paraná, sendo o principal núcleo do litoral, até a proibição da AIB em 1938 por Vargas. Segundo os documentos do DOPS, disponibilizados pelo Arquivo Público do Paraná, porém Cominese foi mais longe, tendo o principal cargo na cidade, quase uma década depois.